Às vésperas de completar 80 anos, a escritora Conceição Evaristo estreia como atriz e leva seu texto para a ópera. Em entrevista, ela fala sobre os estereótipos e as desigualdades que ainda marcam a literatura e a política brasileiras

Por **MARÍLIA KODIC**

"Quanto mais arte tivermos, mais poderemos consertar o que está nos embrutecendo"

CONCEIÇÃO EVARISTO

O QUE FAZ UMA uma experiência ser considerada universal? Na obra de Conceição Evaristo, narrativas marcadas por raça e gênero confrontam a ideia de que a experiência dos homens brancos possa falar por todos. Não se trata apenas de incluir outras vozes numa tradição já pronta, mas de questionar quem a construiu e como.

Com romances, coletâneas de contos e livros de poesia publicados, além de traduções para nove idiomas e um prêmio Jabuti, a escritora agora experimenta novas linguagens. Ela faz seu primeiro papel como atriz no longa *Se eu fosse vivo... Vivia*, que percorre o circuito de festivais antes de ser lançado comercialmente, e assina o texto de Conceição Evaristo – Uma Ópera Escrevivência, que estreia no centenário Theatro São Pedro, em São Paulo, no Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, em 20 de novembro.

O termo escrevivência, que ela cunhou nos anos 1990 e que tem forte influência nos estudados de literatura afro-brasileira e feminismo negro, nomeia uma escrita que parte da experiência pessoal sem perder a dimensão coletiva. A prática nasce da experiência cotidiana da população periférica, sobretudo das mulheres negras, para articular memória, oralidade e crítica às desigualdades.

Nesta entrevista, Evaristo examina o que há por trás da força da mulher negra e da solidão do homem negro; denuncia a resistência de partidos políticos a candidaturas que representam coletividades em exclusão e expõe as falhas de um cânone literário elitista. São temas que recusam respostas fáceis e mostram como a experiência individual nunca está separada das estruturas que a moldam.

Prestes a completar 80 anos, ela olha para o caminho percorrido e garante que o epílogo ainda está longe: "Apesar do cansaço, pensar no que ainda tenho pra fazer é o que me dá brilho nos olhos".

Neste ano, você assina o texto de uma ópera e estreia como atriz. Como você imprimiu sua identidade nessas duas experiências? A Jacira, minha personagem, tem um estilo de vida totalmente diferente do meu. Ela é uma mulher do

FOTO: MONICA RAMALHO/ DIVULGAÇÃO

416ConceicaoEvaristo.indd 80 26/10/2026 21:49:17



416ConceicaoEvaristo.indd 81 26/10/2026 21:49:20

"Você vai a um restaurante e vê as pessoas todas no celular. Estamos perdendo o prazer – ou até mesmo o desprazer – da relação humana"

C.E.

lar, que não é o meu caso. Mas eu poderia ser ela se tivesse trilhado outro caminho. Era provável até que meus caminhos me levassem mais para ser Jacira do que para ser eu mesma. Percebi que tínhamos muito em comum e, como na literatura, não tenho dificuldade nenhuma em ser cúmplice das minhas personagens. E a ópera é um trabalho inusitado, mas vem com a minha marca. Escolhi os fatos que considerei mais relevantes e insisti muito na presença de cantores negros.

Você já disse que gostaria de levar a ópera a espaços periféricos. O que pode mudar na experiência do espetáculo quando ele encontra públicos que não costumam frequentar a ópera? É uma via dupla. Levar uma ópera a um espaço em que esse produto não chega desperta a possibilidade de novas vivências tanto no público quanto nos profissionais. Vou relembrar o mestre Antônio Cândido, que falava do direito à literatura. Temos também o direito à música clássica, ao balé, ao samba, ao rap. Quanto mais experiência artística tivermos, mais possibilidade temos de nos humanizar e consertar o que está nos embrutecendo.

O que mais a preocupa na maneira como a tecnologia está transformando nossas relações? Perdemos a possibilidade de contato real com o outro. Você vai a um restaurante e vê as pessoas todas voltadas para o celular. Estamos perdendo o prazer – ou até mesmo o desprazer – da relação humana. Embora eu esteja aqui, posso olhar o Google e saber o que está acontecendo em Paris. Mas, nessa viagem, corro o risco de perder o que está acontecendo agora dentro da minha casa.

A mulher negra é muitas vezes celebrada como símbolo de força, uma imagem que pode esconder cansaço e falta de escolha. Como escrever a resistência sem fazer da dor uma virtude? Todo esse discurso de que mulheres negras são fortes e suportam a dor foi criado para nos brutalizar. A história oficial não conta, mas as mulheres negras escravizadas trabalhavam no campo, no engenho, nas minas. Essa fortaleza que nos animaliza nós não celebramos, de forma alguma. Mas não podemos negar que somos uma fortaleza. Está comprovado pelo próprio campo da medicina, o Instituto Oswaldo Cruz mostrou há anos que mulheres negras recebem menos anestesia no parto, porque não sentem tanta dor ou, se sentem, suportam. Isso é muito duro, mas, se não existisse essa fortaleza, não estaríamos aqui.

É preciso reconhecer nossa resistência. Quando pensamos a identidade cultural brasileira, vemos Tia Ciata, vemos as mães baianas, as casas de candomblé, as mães pretas escravizadas dentro da casa-grande. Nunca fomos vistas como bonequinha de louça porque nunca pudemos sê-la – e nem queremos esse papel. Nossa fortaleza é pulsão de vida.

Você está preparando um livro sobre a solidão dos homens negros. Que preço eles pagam por ter tão pouco espaço para expressar fragilidade? O homem já paga um preço por não poder chorar, por ter que ser o provedor. O homem negro, pelo lugar em que a sociedade o coloca, paga um preço ainda maior. E a fuga que ele acredita que vai resolver sua solidão é: quanto mais conquistar, quanto mais provar que é macho, melhor. O homem negro, diante de uma sociedade que se organiza a partir dos desejos e da determinação do homem branco, esquece que ele vive uma fragilidade na sociedade racista.

Procure nas cúpulas das grandes empresas, das organizações políticas, das universidades, da Marinha, do Exército... dificilmente você encontrará um homem negro numa posição de poder. Mulher nem se fala, mas nós temos consciência disso. Os homens não. E talvez eles estejam mais atormentados do que nós porque têm mais dificuldade de criar teias de relações, teias de enfrentamento. Nós estamos mais atentas e conseguimos ser mais solidárias umas com as outras.

A presença de mais mulheres no Congresso é um avanço, mas não garante, por si só, mudança nas estruturas de poder. O que precisa acontecer para que a representação se transforme em ação? A mentalidade de partidos políticos tem que mudar. Não é fácil uma mulher negra ser apoiada como candidata dentro do partido. A preferência ainda é para homens brancos, mulheres brancas. E o partido perde muito porque, à medida que ele vai sendo representado por mulheres negras, indígenas, de classes populares, ele acaba tendo uma adesão maior do povo, porque o povo se sente representado.

Os partidos deveriam cuidar mais das candidaturas que representam coletividades em exclusão. Há líderes partidários para quem o povo é simplesmente um enfeite, um preenchimento de discurso. Pensar no povo brasileiro é pensar em diversidade. O Brasil tem o tamanho de um continente, então é preciso um exercício de inteligência, de boa vontade, de compromisso público para pensar nele mantendo suas diversidades étnicas, culturais, sociais e políticas.

Quando falamos em literatura universal, quem costuma estar no centro dessa ideia e o que muda quando esse centro se desloca? Já está sacramentado há muito tempo que a literatura universal é representada por homens brancos. Esse discurso veio da Europa, dos países colonizadores que se julgavam o centro do mundo. Mas que universal é esse? Ele

FOTO: JÉSSICA BATAN/ DIVULGAÇÃO

416ConceicaoEvaristo.indd 82 26/10/2026 21:49:20

acolhe que sujeitos? Quando se começa a questionar isso, se vê também que não existe literatura de mulher, não existe literatura negra, não existe literatura indígena, não existe literatura gay e não existe literatura operária porque a arte é universal. Se existe uma literatura universal, é a literatura produzida justamente por autorias que até então foram julgadas fora dessa possibilidade.

Quando minha obra é encenada em Paris e traduzida para eslavo, grego, árabe, francês, inglês e alemão, fico pensando: o que outra pessoa, de outra realidade social, encontra nessa obra? Talvez a capacidade de criar uma obra universal parta justamente de experiências particulares, mas que quando relatadas são capazes de convocar a humanidade que existe em cada pessoa.

Sua obra hoje é amplamente celebrada, mas isso vem depois de uma trajetória de dificuldade de publicação e até de reconhecimento. O que sua experiência diz sobre as mudanças no mercado editorial brasileiro? Essas mudanças estão relacionadas a ações afirmativas. Quando se passa a lei que institui o estudo das culturas africanas e afrobrasileiras na educação, por exemplo, isso cria uma demanda de mercado. O sistema de cotas, quando coloca estudantes negros nas universidades, faz com que esses estudantes questionem a bibliografia sem autoria negra e isso também impulsiona o mercado. Atrás disso tudo está a força do movimento social, que vem denunciando o discurso vazio da democracia racial brasileira. E também tem a ver com nossa audácia. Penso na Giovana Xavier, uma professora jovem, que chama a Flip, um dos maiores eventos literários, de arraiá da branquitude. Penso na Carolina Maria de Jesus, que dizem ser uma pessoa de sorte. Ela não é uma pessoa de sorte, ela é uma pessoa audaciosa. Nossas ações paralelas acabam também contaminando a estrutura central.

Você prepara um livro de poesia sobre sexo. Para você, quais são os desafios de abordar esse tema? É ainda muito difícil para nós falar de sexualidade porque a primeira imagem que se cria da mulher negra é a de uma potência sexual. Falar dos nossos prazeres é mais difícil do que para uma mulher branca. Então é um texto que escrevo com muito cuidado, porque não quero banalizar o desejo, não quero banalizar o gozo. Gosto muito da sutileza da linguagem. É bom viver um texto através de insinuações. É quase um papel de adivinhador do leitor.

Prestes a completar 80 anos, o que ainda te dá brilho nos olhos? Me dá brilho nos olhos falar de literatura. Parar para escrever. Olhar para minha filha, que tem 45 anos e que, segundo a medicina, não viveria nem três meses. Pensar que hoje seria o aniversário da minha mãe, que faleceu de tristeza na pandemia, três dias antes de completar 99 anos. Relembrá-la me dá brilho nos olhos. E, apesar do cansaço, pensar em viver. Pedir mais tempo de vida. Pedir mais possibilidade de trabalho. Pensar no que tenho ainda pra fazer é o que me dá brilho nos olhos. ■

"Não existe literatura de mulher, literatura negra, literatura indígena, literatura gay ou literatura operária porque a arte é universal"

C.E.



416ConceicaoEvaristo.indd 83 26/10/2026 21:49:23